

Adoro existir... mas também não sei o que será não existir.

Motiva-me pensar que o que faço e o que construo pode modificar alguém, deixando-lhe um registo na memória ou reativando recordações, momentos e experiências vividas noutra contexto e de uma outra forma, num reencontro com o escondido, que sempre esteve próximo sem que tivesse sido exaltado ou enaltecido.

Num entrelaçamento do Tempo com o Espaço, entre o tangível e o visível, entrando e saindo simultaneamente de mim, prossigo na descoberta de outros tempos e espaços, onde cada um poderá encontrar os seus, elegendo-os.

Partindo do princípio de que existem diversos tipos de Memória e que estes podem estar ou não associados à experiência vivida por cada um de nós, a experiência de Recordar será distinta. Dois exemplos ilustrativos: O que recordo da 2ª Guerra Mundial? Não é possível que tenha ocorrido comigo qualquer dado neste período, mas guardo na minha memória o que retive do que aprendi, li ou ouvi, e tenho a capacidade de trazer estes dados para o momento presente. Por outro lado, se evocar um aroma, dizendo: "*cheira a pão acabado de sair do forno*", o processo será diferente. A nossa memória retém este aroma e até poderemos por momentos sentir um cheiro e visualizar um episódio vivido, mas cada um de nós, o recordará de forma distinta e individual, seja este mais presente ou mais distante.

Quando recordamos alguma coisa, quando tornamos explícito o que estava implícito, modificamo-nos emocionalmente e também a própria coisa. Cada vez que ativamos uma recordação construímos uma reformulação da mesma, pelo que podemos falar de re-recordação, ou recordação da recordação, sucessivamente distintas. Ativar a memória e as recordações parece ser similar ao processo do acordar de um estado de adormecimento.

Os processos de criação não permitirão uma perspetiva cronológica do tempo no sentido narrativo, mas não se podem identificar como completas abstrações. A *memória criadora* (BERGSON, Henri, 1939), pelas suas singularidades processuais, e a capacidade para recordar, atestam a riqueza nas possibilidades que nos oferecem de reinventar a existência. Através da memória - que armazena e é contaminada -, da sua constante atualização pelo

que é vivido – num vaivém entre os diversos passados da experiência vivencial –, e da Imaginação, revisitamos espaços, objetos, recriamos conceitos, fazemos conexões entre os sentidos.

Assim, o saber racional e a invenção poética não são essencialmente excludentes. Opostos em determinadas instâncias, culminam ambos no momento da imaginação criadora.

Pressupondo que o conhecimento disposicional para recordar é imprescindível, começo, em primeiro lugar, por me confrontar comigo própria, com aquilo que sou, através do autoconhecimento o que me permitirá entender a relação que estabeleço com a sociedade em que estou inserida e com os outros.

Trata-se de um exercício que continua a ser árduo, mas nem por isso menos aliciante ou prescindível até porque: “quando uma coisa é difícil, não se pode abandonar só porque é demasiado difícil. (...) É precisamente isso que nos deve servir de estímulo. Se fosse fácil, poderia, agora, estar a descansar” (BEUYS, Joseph, 1972).

Já me senti nula, desesperadamente só, sem nada para oferecer a mim e aos outros. Uma incapacidade absoluta que pode levar a extremos...

Um dia, há cerca de dez anos, escrevi que nunca tinha imaginado *“que existisse esta forma de sobreviver... agarrada a um passado remoto e sem perspetivas. A contar histórias a ninguém, enquanto mordo biscoitos para adoçar as feridas da alma (...) Temo pelo silêncio absoluto”*.

Trabalho com representações, reflexos das minhas vivências mais recentes ou do passado quase escondido, sem preocupações de narratividade ou de sequência. Também podem ser misturas de situações, experiências, acerca do mesmo assunto, observações daquilo que me envolve e que poderá ser fruído por camadas, cada vez mais opacas e densas, numa provável crescente dificuldade de penetração implicadora de aprendizagem. É nas primeiras camadas e *retratando* vivências, supostamente comuns a todos, que uma percepção imediata, *selvagem* (MERLEAU-PONTY, Maurice, 1959) pode detetar fenómenos gerais experimentados ou conhecidos por todos. Mudam os personagens, os espaços e os tempos, mas amor é amor, sexo é sexo, medo é medo, raiva é raiva, dor é dor, desilusão é desilusão, perda é perda, calor é calor e não me parece que exista alguém que não tenha vivido qualquer uma destas emoções, sensações ou sentimentos.

O silêncio mantém-se... No limite, não há palavras que o expressem. Um *não-dizível* anunciado por Ludwig Wittgenstein reforçado pela ideia de que o que dizemos é muito mais do que aquilo que dizemos e que “*um mesmo conjunto de palavras pode dar lugar a vários sentidos, e a várias construções possíveis*” (FOUCAULT, Michel, 1969).

Subsistem a leveza e a tranquilidade, o sossego e o caminho percorridos que adoçam arritmicamente a vida. Um sossego desassossegado, enérgico, arritmico e que alimenta.

Hoje não é como ontem e amanhã será, certamente, diferente. O caminho faz-se caminhando...

Afinal, quem sou eu? Quem somos nós? O que somos ou valemos isoladamente?

O que nos faz falta? Onde estamos e onde vamos? O que procuramos?

O que faço, porque o faço? Poderá ser para deixar algo de mim e que possa prosseguir para além de mim ou de nós, porque dependendo da intensidade das vivências de cada um, do olhar, da interpretação, da predisposição e atenção ou das experiências que cada um teve, todos sentimos e emocionamo-nos...

...mas, uns vivem e outros já morreram mesmo antes do seu último suspiro.

De: Enric Tormo

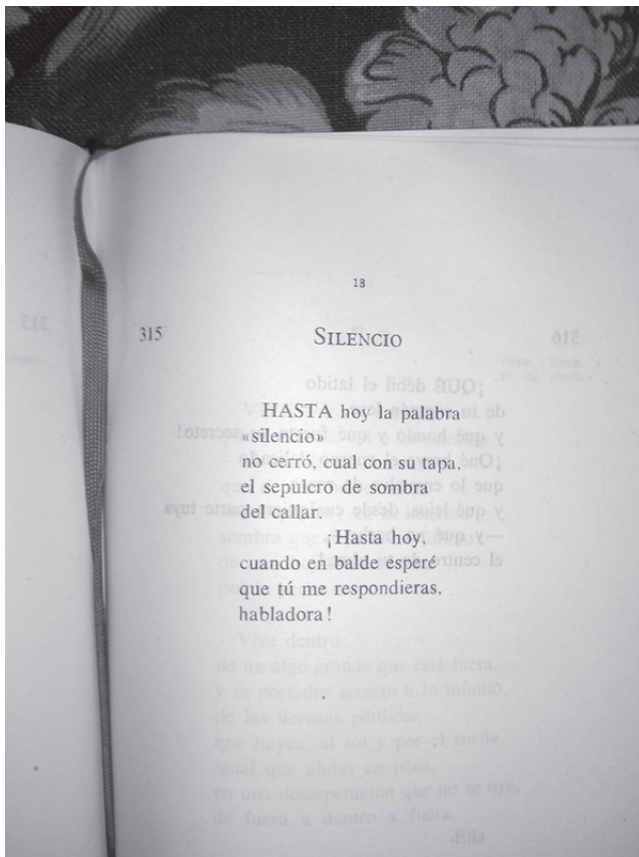
Enviado: 4 de marzo de 2017 20:27

Para: rute rosas

Assunto: Meigas

Rutita linda. Hoy me ha pasado algo de meigas o de inspiracion divina. Estaba en libreria y ha cogido una edicion antologica de la obra poetica de juan ramon jimenes. Abro y la poesia era" silencio" demasiada casualidad..

Besos embrujados



Era un día de diciembre. Quizás un 17. La calle invitaba a salir de casa. La puerta limitaba un interior y un exterior.

Sabía que era un día especial. Lo era por señalar también una frontera. Un antes y un después.

En la cocina estaba preparando un frugal desayuno. Algo de cereales. Algo de leche, no de vaca. Algo de zumo.

Una buena ducha y una indumentaria cómoda. Hoy todo sería diferente. Algo lo anunciaba...

La puerta se abre. Ningún sonido, ningún color, nada. ¿Dónde están los coches? ¿Donde los viandantes? ¿Dónde los árboles que marcaban la línea entre la calzada y las aceras?

Ha desaparecido todo. ¿Todo? No. Una burbuja de angustia, de temor, quizá de miedo va tomando forma y que desde el estómago y con discreto avance se infiltra por los diferentes órganos que compone un cuerpo que por la presión de la sensación va transformándose en baluarte contra la circunstancia.

Una densa niebla ha ocupado las calles, el espacio público, aquel que en diferentes ocasiones ha sido escenario de paseos pausados, de trifulcas entre vecinos, alguna vez, las menos, ha limitado las manifestaciones en pos de la mejora ciudadana, pero por encima de todas estas realidades ha sido el camino, el medio, que ha llevado al trabajo... y luego a la vuelta a casa, al hogar donde encontrar esa paz, ese silencio transcendental que perite la reflexión, el ensimismamiento, el recuerdo de aquello que pudo ser y que nunca será.

¿Un paso al frente? Miedo, angustia, ninguna referencia externa. ¡Vamos! ¡Ya! Primer paso, no pasa nada de nada, segundo, tercero, cuarto... la cosa se anima. De repente un encontronazo y un leve quejido. ¿Hola? ¿Hay alguien? Silencio. No se oye nada. Un giro sobre el eje ortogonal, 360 grados de no visión de no sonido.

Ánimo. Seguimos pero ¿hacia dónde? Ningún referente. Quizá se puede volver a la casa protectora, pero ¿Dónde está? ¿A la derecha? ¿A la izquierda? ¿De frente? ¿Quizá por detrás? No se sabe. Se han perdido los referentes. Mejor quedarse quieta.

Si mucho mejor. Parada. Pies quietos a la espera de acontecimientos. ¿Por cuánto tiempo? El reloj ya irá indicando el paso eterno del movimiento. Su tic/tac avanza y paulatinamente alcanza el destino, el final. Pero, ¿Dónde está? Nada en muñeca la izquierda, nada en la derecha; un sí en el cajón de la mesita de noche. Allí se ha quedado. Un olvido. Una carencia mecánica que puede ser fácilmente solucionable. El tac/tac del corazón lo substituye. Pulsación a pulsación marca los espacios temporales hasta el hastío o hasta la pérdida de la memoria. Falta el referente del inicio. Por mucho contar se ha perdido el valor tiempo.

De repente otro encontronazo. Nuevamente:

- ¿hola?
- ¿hola?

Uff finalmente una respuesta. Un posible congénere, un compañero, pero también un posible peligro: ¿ Algún asesino, algún delincuente, algún policía, algún inspector de hacienda? Quizá mejor pasar inadvertida.

- ¿Hola? Repite la voz sin cuerpo, sin materialidad, solo sonido aislado dentro ese magma que no deja ver nada. Es necesario hacer algo, una respuesta.
- Hola soy yo.
- Bien, pues yo soy yo.
- Con tanto yo difícilmente nos entenderemos.
- Mientras tú seas tú, yo seré yo,
- Sí claro y ellos serán ellos, o él si son pocos.
- No sigamos por este camino. Mejor será que nos acerquémonos hasta el contacto físico.
- ¡No! ¡Nada de eso! Me das asco. Me voy.
- Hola, hola....

Ninguna respuesta, nuevamente el silencio, el aislamiento. Si esta niebla se desvaneciera todo sería normal. Colores y sonidos. Sociedad y amigos. Confianza y entrega. Todo aquello que ha desaparecido y que conformaba la existencia personal y modifica la naturaleza para hacerla compatible con las reglas y las normas emanadas del poder. Un poder que no sabe eximir y por lo tanto es incapaz de reconocerse como tal. No es aquel poder capaz de transigir, aquel que se sabe supremo y por lo tanto no tiene miedo ni duda y cuya máxima ejecutiva es saber perdonar.

Parada en ningún lugar y el yo soy yo. Dos piernas, dos brazos una cabeza y un tronco. Materia sobre materia dentro de un magma indefinido. El tacto detecta algo. Ropa cómoda pero que aprisiona la suma de partes corporales. Una encarcelación, un límite, una protección contra el exterior. ¡Fuera todo! Nadie verá la desnudez.

Libertad completa. Libertad de movimiento, de pensamiento, de sentimiento, de palabra, de...

Libertad ¿Para qué? ¿A donde ir?, ¿con quien hablar?, ¿como relacionarse? ¿Yo soy yo? ¡Ya no!

Volver a empezar. Algo nuevo. Algo diferente. Algo sin antecedentes y sin consecuentes, un total cero, un vacío, un posible camino, un cauce por donde discurrir. Especialmente un olvido, un espacio sin lastre. Un espíritu.

La existencia por la existencia, sin peso sin pasado, solo el "ahora y aquí", el "nunca jamás". La utopía, del ningún lugar. Entonces solo resta el sueño, la idea, el más allá, quizá fuera la niebla. Esa lejanía inescrutada, pero imaginada donde lo no desvelado marca el destino. Ese, que fuera de materialidad, significa la pureza, la inmaculada, aquel que por su luminosidad flota en el ambiente. Pero: ¿dónde ir? Mejor: ¿Cómo ir? Mejor aun: ¿por qué?

En cualquier caso no es factible la inoperatividad, hay vida, hay ineludiblemente un movimiento. Solo queda una posibilidad, andar, andar sin miedo al tropiezo. Para ello la ascensión es incuestionable. Arriba, arriba señala la dirección. Luchar contra la gravedad. Contra aquello que retiene los pies en el suelo. Espíritu, aliento, sople es el motor que impulsa.

La pérdida de la circunstancia, de materialidad permite el renacer. El renacer diario, el del tic/tac o del tac/tac. Aquel que se inicia en cada latido y que da fe de lo posible. Aquel que desvela el devenir sin compromiso, sin pacto. Solo en la pureza, en la poesía, en el ser sentido. Lo inaprensible se torna objetivo. El objetivo se torna intuición. La intuición se torna visión. La visión se torna realidad. Realidad exenta.

Fátima Lambert **Agora ele está pensando**

“...Agora ele está pensando –
no silêncio líquido
com que as águas escurecem as pedras...”

Manoel de Barros,
“Retrato Quase Apagado em que se Pode Ver Perfeitamente Nada”.

“Me levanto em teus espelhos
me vejo em rostos antigos
te vejo em meus tantos rostos
tidos perdidos partidos
refletido
irrefletido
e as margaridas vermelhas
que sobre o tanque pendiam:
desce profundo
o relâmpago de tuas águas numa
vertigem de vozes brancas ecos de leite
de cuspo morno no membro
o corpo que busca o corpo (...)”

Ferreira Gullar,
“Poema sujo”, *Obra Poética*.

[...pensamentos como se fossem retratos quase apagados, dir-se-iam quase imaterializados...]

vejo-me no espelho que olhou sempre; entendo a fuga e a sofreguidão.]

O que está em causa: a translucidez do silêncio e a morfologia – transparente, (trans)lúcida e opaca - da reflexão.

Os eixos de sustentação, anunciados pela própria escultora, remetem para estádios de alerta: são avisos de segurança para incautos observadores de nada. Não que seja imprescindível preencher o nada, acarinhando o vazio, alimentem-se os olhares de silêncio.

As esculturas de Rute Rosas são autorretratos entre o formato mínimo e a amplitude infinito do imensurável. Assim, como moldou traços e volumes do seu rosto, criando parcelas de si a passearem-se nas lapelas dos casacos de outras pessoas, ou mesmo pregados a paredes alheias, a artista agora cruza o entendimento do vidro soprado pela alma e as teias matizadas pelas encruzilhadas das certezas. São técnicas e estratégias para se garantir a harmonia que as coisas devem auferir quando se lhes atribui intenção de obra. Por isso, o que vale é a concentração, a síntese, a retenção do fundamental. E o que é único e indivisível ocupa espaços flexíveis, pois sabe ajustar-se e ser tomado por quem o reconheça e valorize.

Na realidade, o espaço, a área que as coisas ocupem é assunto a descartar, no que seja a sua compreensão literal. A dimensão e o formato são dados que podem ser obliterados por condições psicoafectivas insuspeitas, permitindo-nos avançar além de circunscrições estanques. As configurações que tomam, algumas em quase levitação na sala, entre paredes que não cerceiam e tetos que se abrem, transmutam-se, reconvertem-se e aquietam-se...por vezes. São pequenas e subtis excertos de ideias, são frases que decidiram ganhar fisicalidade, cansadas de serem [apenas] conceitos – ainda que de altíssima estirpe, caso contrário o seu corpo-obra não lhes seria suficiente.

Evocando Almada Negreiros que, por sua vez, apelou para Hermes Trimegisto, que o coadjuvar em epígrafe na *Invenção do Dia Claro*: “Tudo está em tudo.” E: “Tudo se aguenta de pé provisoriamente – ainda não está prompto, vê-se perfeitamente que ainda não é tudo.” (NEGREIROS, 1993, p. 21) Numa certa aceção a moldabilidade das peças de vidro e a fragância das ideias que se volatilizam possuem esse dogma da reversibilidade e da polissemia ainda que as aporias nos atraíam...quem sabe.

A decisão, seja ela consciente ou mais pulsional, cabe a cada um de nós decidí-la, enquanto sujeitos estéticos felizes - dominará inequivocamente a percepção das obras. Ou seja e porque:

1. Os trajetos a empreender, quando se visite a exposição, são decididos pelos visitantes. Consoante se movam, situem ou fixem, ser-lhes-á possível aceder a diferentes camadas de visão, percebendo distintas aceções formais e invisíveis das obras. Haverá que usar a multiplicidade de ângulos para atravessar a superfície, sobrevoa-la. Pela persistência no exercício de ver, talvez se atinja o âmago de percepções – por ínfimas que possam considerar-se, lembrando José Gil [*imagens nuas e pequenas-percepções*] – e, portanto, rever a identidade dos pensamentos.

2. As ideias agudizam-se e, num impulso centrípeto, convergem para a tessitura do vidro e de fios trespassados, para a coloração metódica que lhes pode atribuir maior ou menor espessura quando olhadas e percebidas. Convocam-se elementos, alimentados por alquimia de ideias e que protagonizam uma revolução contínua.
3. A lisibilidade das coisas, assim como das ideias, é in/não-definitiva. O que significa, reconhecer-se-lhes o fato de estarem situadas num estado de concretização. É uma plataforma de entendimento sensível, gerado pela ação de diferenças *poiéticas* consecutivas, provocadas pela acutilância [do olhar] do observador-visitante. As obras passam a suportar, carregam em si – mediante absorção discreta – o olhar dos outros.

Os conceitos que administram esta exposição evocam os territórios gratos da reflexão e do silêncio, como acima se referiu, agregados pelas insinuações leves e múltiplas que lhes possam ser atribuídas.

“...Refleti-las também sem mágoa
Nas profundidades tranquilas.”

Manuel Bandeira,
“O Rio”, Estrela da Vida Inteira.

Na pintura quando se pretendem representar reflexos, transparências, translucidezes há que representar, que exercer a similitude que ilude. Obriga-se a que o contemplador identifique e isole o que é o real do virtualizado na superfície especular. Nos espelhos, quase invisíveis, onde tudo se acumula, indiferenciam-se reconhecimentos de figuras, objetos, matérias mais ou menos insinuados através de perceptos-vestígios. A superfície pictural gruda em si mesma a camada de duplicação distorcida ou perfetibilizada do objeto, ser ou ideia que emite a imagem primeira. Quando se trata de ver imagens transpostas, totalizadas ou em detalhes, a reverberar em zonas tridimensionais polidas ou espelhadas, carece atender às circunstâncias de um outro patamar do paradigma diferenciador. Pois é a camada superior que reveste a volumetria, que organiza e direciona a configuração do refletido em imagem consecutiva, senão persistente. Quanto a percepções, quanto a fatalidades, as reflexões e os reflexos, são transmutações mimetizadas pela luz a incidir, que se resolvem de modo singular, individuado, quer quando emanam em 2D ou em 3D. Sendo esculturas em vidro transparente, atiradas para espelhos talhados, origina-se um enigma maior e carregado de exigência. Existem simetrias e dissimetrias, tratam-se os espelhos mentais – parafraseando o título do livro de Richard

Gregory *Mirrors in Mind* (1997) – como excertos poéticos em sublimidade e leveza sustentável (contrariando Milan Kundera).

Na escultura, que é o caso, tanto mais que as peças alastram pelo espaço convertendo-o em lugar decisório, tudo se revê e nos obriga a retificações conceituais sucessivas, felizmente infundáveis pela sua novidade e quietude.

Os espelhos, os vidros, apropriam-se de não-cores ou de pigmentos. Estes, assim persistem, na sua condição privilegiada de gota suspensa, em fio-de-prumo gravitando sobre o chão, todos divagando em sinuosidades até caírem no olhar do espetador ou vice-versa.

“A beleza é portanto algo que podia ser tocado, algo claramente reflectido pelos olhos.”

Yukio Mishima,
O templo dourado.

Fala-se, pois, sobre presenças tão subtis que quase se dissolvem num olhar mais agudizado e perspicaz.

As palavras agarram-se a movimentos suspensos, estabelecem-se transitoriamente mediante o nosso olhar quando incide nas coisas, correspondendo a impulsos de ascensão e paragem – uma espécie de *epoché*. E, conseqüentemente anseia-se pela queda que demore e dure, espécie de percepção estética a planar em voo leve. Tudo decorrerá, manobrado pelas ondas invisíveis de *ver*, consoante o espetador se posicione perante as esculturas e estas transparecem no espaço em tensão de vazio. Fique, pois, a decisão do visitante que queira tocar a pele das obras, sentir o frio do vidro depois da sua iridescência.

Tudo, pondere-se, quase tudo é categorizável: desde as questões que roçam a imaterialidade, até aquelas breves aporias que enobrecem o desconhecimento, apelando, clamando pela evidência dos improváveis.

Rute Rosas concebeu uma apresentação de obras sustentadas nesse “silêncio líquido”, ao qual o poeta de Goiás se referia. O silêncio líquido solidifica-se em vidro, que transparece luz e sombra. São [i]matérias em suspensão. Inspiram, configuram-se e suspendem a respiração, aguardando que volte a ausência. As peças de esculturas tornam-se leves, subtis, errando numa zona de possibilidade de dissolução que instiga a razão.

Numa certa perspetiva, as figuras esculpidas são ausentes, corpos invisíveis dominando os constructos, com tal intensidade e convicção que lhes acho conversas análogas ao virtuosismo poético de Manoel de Barros. As formas sinuosas do recorte do *bonsai* primam pela transparência de intocável apelo de silêncio.

[As gotas de orvalho materializadas sob luz e vidro, associo-as às coletas efémeras e utopistas de Brígida Baltar. Refiro-me ao processo de recolha de matérias atmosféricas: maresia, orvalho e neblina, que a artista brasileira empreendeu entre o final dos anos 1990 e os primeiros anos do séc. XXI. As suas deambulações pela serra, pela orla marítima ou nos arredores do Rio de Janeiro evaporaram-se, restando as fotografias. No caso da artista portuguesa, a decisão radica na tranquila pacificação do vidro, do espelho e dos fios que permanecem precários mas resistentes na matéria breve. Talvez, nas suas viagens ao Brasil e a outros destinos, Rute Rosas tenha sentido a delicadeza das coisas pequenas e felizes. Talvez a pequenez de conhecimentos concentrada em tanta delicadeza se tenha fusionado – de modo surpreendente - na densidade granítica (e prudente) das terras do Norte português.

Na obra de Rute Rosas as matérias voláteis transfiguram-se em condensações de vidro.

Há algo que, subtilmente, procede da lentidão, da sabedoria morosa, essa condição e privilégio raros para se verem as coisas, frequente quando se está do outro lado do Oceano e persistindo quando se regressa.]

Cada uma das peças, apresentadas pela Escultora, entra em cena com a dignidade de frases amadurecidas.

Entrada

Sopro vermelho, 2017

Vidro soprado, acrílico, espelho, tule de elastano
300x 90 x 90 cm

Sala 1

Dez anos depois mais dez... de sustar, 2014/15

Bordado a seda sobre linho e placas de acrílico
200 x 120 cm

Chaga #1, 2017

Vidro, alumínio, fibras têxteis
320 x 20 x 20 cm

Cesura #1, 2017

Vidro, tule de elastano, espelho, acrílico, agulha metálica
320 x 15 x 15 cm

Cesura #2, 2017

Vidro, acrílico, fio de poliéster, agulha metálica
250 x 10 x 10 cm

Cesura #3, 2017

Vidro, tubo silicone, espelho, alumínio
320 x 10 x 10 cm

Chaga #2, 2017

Vidro borossilicato, tubo silicone, espelho, acrílico, anilina
320 x 10 x 10 cm

Cesura #4, 2017

Vidro, tule de elastano, espelho
320 x 15 x 15 cm

S/ título (sopros) #1, 2016

Vidro soprado, espelho
27 x 20 x 70 cm

S/ título (sopros) #2, 2017

Vidro soprado, espelho, anilina
20 x 50 x 35 cm

Lágrimas, 2017

Vidro, fibras têxteis
Dimensão variável diversos elementos

Sem que te alcance, 2017

Vidro soprado, malha de elastano, anilina, espelho, acrílico
320 x 30 x 30 cm

Shhhhhh! (segredos e sussurros) #1, 2017

Vidro borossilicato, tubo de silicone, agulha metálica, alfinetes de dama
320 x 10 x 10 cm

Shhhhhh! (segredos e sussurros) #2, 2017

Vidro borossilicato, tubo de silicone, alfinetes de dama
320 x 7 x 5 cm

Quase leveza, 2017

Vidro, tubo de silicone, espelho
320 x 20 x 20 cm

Shhhhhh! (segredos e sussurros) #3, 2017

Vidro borossilicato, acrílico
10 x 15 x 7 cm

Shhhhhh! (segredos e sussurros) #4, 2017

Vidro borossilicato, acrílico, anilina
60 x 10 x 3 cm

Shhhhhh! (segredos e sussurros) #5, 2017

Vidro borossilicato
12 x 1 x 3 cm

Shhhhhh! (segredos e sussurros) #6, 2017

Vidro borossilicato, prata, acrílico
320 x 5 x 15 cm

Shhhhhh! (segredos e sussurros) #7, 2017

Vidro borossilicato, prata, agulha metálica
300 x 2 x 10 cm

Shhhhhh! (segredos e sussurros) #8, 2017

Vidro borossilicato, prata, agulha metálica
60 x 3 x 10 cm

Shhhhhh! (segredos e sussurros) #9, 2017

Vidro borossilicato, acrílico
7 x 2 x 15 cm

Shhhhhh! (segredos e sussurros) #10, 2017

Vidro borossilicato, madeira macacaúba
10 x 3 x 12 cm

Adeus, 2017

Vidro, seda, malha de elastano, espelho, acrílico
320 x 20 x 20 cm

Sozinho, 2017

Vidro borossilicato
12 x 30 x 20 cm

Sala 2

Da leveza e... só (Inverno), 2017

Impressão fotográfica sobre têxtil
300 x 320 cm

... do silêncio e só (Inverno), 2017

Vidro soprado, malhas de elastano, espelho, acrílico
320 x 170 x 170 cm

Destreza, 2017

Vidro soprado, malhas de elastano, zinco, acrílico
60 x 90 x 90 cm

Do silêncio... #17 de Outubro, 2016

Vidro, espelho, musgo artificial
Vidro por maçarico
Cortesia João Paulo Lima

Rute Rosas

Porto, 1972

www.ruterosas.com

Professora Auxiliar (Ph.D) do Departamento de Artes Plásticas
Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto
Membro do Conselho Científico da FBAUP; do Conselho de Departamento
de Artes Plásticas da FBAUP; da Comissão Científica da Licenciatura em Artes
Plásticas, da Comissão Científica do Mestrado em Artes Plásticas
Membro Integrado do Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade
(I2ADS)
Artista Plástica - Escultora

Habilitações

2011

. Doutoramento em Arte e Design – especialidade Artes Plásticas
- variante Escultura
A Autocensura como Agente Poético Processual da Criação Escultórica
- Projectos, Processos e Práticas Artísticas
Orientador Professor Doutor Enric Tormo Ballester (Universidade de Barcelona)
Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

2002

. Mestrado em Arte Multimédia
A Percepção Somatossensorial da Obra de Arte
- Pressupostos de um Projecto Artístico
Orientador Professor Doutor Bernardo Pinto de Almeida
(Universidade do Porto)
Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

1995

. Licenciatura em Artes Plásticas – Escultura
– Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

Formação Complementar

. Curso de Formação Profissional em Vidro de Laboratório. CENCAL.
Marinha Grande. 2015
. Curso de Formação Profissional em Vidro Soprado com molde. CENCAL.
Marinha Grande. 2015

- . Curso de Formação Profissional em Vidro Soprado sem molde. CENCAL. Marinha Grande. 2014
- . Curso de Formação Profissional em Técnicas de Fusão do Vidro. CENCAL. Marinha Grande. 2013
- . Workshop de Arte Digital – Tratamento de Som Digital – Fábrica da Pólvora (orientação de Sérgio Jordá e Cristina Cassanova). Barcarena. 2000
- . Curso de Tratamento de Imagem Digital – Escola Secundária Soares dos Reis. 1998
- . Curso de Fundição por Cera Perdida – Centro de Formação Profissional da Indústria da Fundição - C.I.N.F.U. 1992
- . Curso de Resinas de Poliéster – C.I.N.F.U. 1992
- . Curso de Artes e Técnicas dos Tecidos – Escola Secundária Soares dos Reis. 1987/1989
- . Formação em Ballet Clássico. Ministrada pelo Professor e Bailarino Maurice César. Academia Parnaso. Certificada pela Royal Academy of Dancing. De 1979 a 1987
- . Formação musical ministrada pelo Maestro Fernando Côrrea de Oliveira. Academia Parnaso. De 1979 a 1987

Exposições individuais (desde 2000)

- 2017 Da Leveza e do Silêncio...** Direção e Curadoria Miguel Bandeira Duarte. Museu Nogueira da Silva. Galeria UM. Braga
- 2013 Pensamentos Altos.** CAE. Sever de Vouga
- 2010 Abre a janela, inspira e...depois...** C. C. Bombarda. Porto
- 2009 Um crime perfeito** - projeto artístico para uma revista. Bombart II. Março/Abril
- 2008 Respira...** Museu da Bienal de Cerveira. Fórum Cultural 2. Vila Nova de Cerveira. (cat. Bilingue)
Abre a janela, inspira e... C. C. Bombarda. Porto
Respirando (happening). Museu da Bienal de Cerveira. Fórum Cultural 2. Vila Nova de Cerveira
Não há príncipe azul no elefante cor-de-rosa. Curadoria João Baeta. Espaço Ilimitado. Porto
- 2006 Água de Colónia** (conceção do projeto e exposição em parceria com Isaque Pinheiro) Galeria Virgílio. S. Paulo. Brasil (cat. Bilingue)
Abraça-me (projeto de arte pública). S. Paulo. Salvador. Recife. Brasil
- 2005 São Rosas, Senhor!** Galeria SMS. Museu Sociedade Martins Sarmento. Guimarães (cat.)
Pele de Embrulho. Galeria Sopro. Lisboa (cat.)

- 2004 Faço de conta que és tu...** Galeria 35. Berlim. Alemanha
(cat. Trilingue)
Vídeo Projectações – Projecto Espaços em Branco. Galeria Cubic.
Lisboa
- 2003 Por Fim.** Curadoria Paulo Reis. Centro Cultural Oduvaldo Vianna
Filho/Castelinho do Flamengo. Rio de Janeiro. Brasil (cat. Bilingue)
- 2002 Dentro de Mim.** Galeria Canvas. Porto (cat. Bilingue)
- 2000 Mamã, deixa-me andar de escultura!?** Galeria Serpente. Porto
(cat. Bilingue)

Exposições Coletivas (síntese desde 2010)

- 2016 CADA ARTISTA NO SEU TIJOLO.** Curadoria Nuno Malheiro Sarmento.
Silo - Espaço Cultural. Porto
**Diálogos no Acervo - 40 obras da Coleção da Fundação Bienal de
Cerveira** - Biblioteca Municipal de Gaia, Julho e Casa das Artes Arcos
de Valdevez, Setembro/Outubro.
Valisa Diplomática Low Cost / Diplomatic Bag. Curadoria Nilo
Casares. Programa ART-EX. Artista representante de Portugal. Nova
Iorque, Montevidéu, Londres, Santiago de Chile, Madrid, Auckland,
Melbourne, Munique, Porto, Istambul, Paris, México, Buenos Aires,
Estocolmo, Roma, São Paulo. (cat.) Real Academia de España a Roma.
Roma, Itália.
Périplos /Arte Português de hoy. CAC Málaga. Curadoria Fernando
Francés. Málaga. Espanha.
- 2015 Poste_ Matosinhos #2.** Curadoria João Baeta. Matosinhos.
Com texto SENTIDO de Samuel Silva.
- Mostra para Leilão do **Projecto de Arte da Fundação AMI.** Espaço
Silo. Espaço Cultural do NorteShopping. Matosinhos
Valisa Diplomática Low Cost / Diplomatic Bag. Curadoria Nilo
Casares. Programa ART-EX. Artista representante de Portugal. Madrid,
Santiago de Chile, Nova Iorque, Melbourne, Buenos Aires.
18ª Bienal de Cerveira – artista convidada. Fundação Bienal de
Cerveira. Museu bienal de Cerveira. Vila Nova de Cerveira. (cat.)
Arte em Segredo. Galeria dos Leões. UP. Porto
- 2014 Fortuna e Magnetismo depois do sono: obras descansando nas
salas e jardim da Casa Museu Marta Ortigão Sampaio.** Curadoria
Fátima Lambert. Casa Museu Marta Ortigão Sampaio. Porto
Projeto Troika em Construção. A convite de Paulo Pimenta. Edifício
AXA. Porto

- Arte em Segredo.** Galeria dos Leões. UP. Porto
- As instalações na Coleção do Museu.** Fundação Bienal de Cerveira. Museu bienal de Cerveira. Vila Nova de Cerveira.
- Sexta Exposição Arte Urbana, 2014.** Fundação AMI. Porto
- Il mondo em Italiano.** Curadoria Maria Bochicchio e Sérgio Afonso. Pousada do Freixo. Porto
- 2013 Um retrato quase apagado.** Curadoria: Fátima Lambert e Rita Xavier Monteiro, Linhas Curatoriais/ Projetos (Curatorial Lines / Projects) 17^a Bienal de Cerveira - 35 anos, V. N. de Cerveira (cat. bilingue)
- Cinco Artistas Contemporâneos.** Curadoria: Cuqui Piñeiro. Cine Teatro João Verde. Monção
- Arte em Segredo.** Galeria dos Leões. UP. Porto
- Árvore 50 anos 50 mulheres.** Cooperativa Árvore. Porto. (cat.)
- 28 ARTISTAS PLÁSTICOS do NORTE de PORTUGAL.** 1^a Exposição colectiva da MARCOLINO ART GALLERY. Patrocínio: Corum. Porto
- 2012 "...(chamo silêncio à linguagem-que-já-não-é-órgão-de-nada)...",** Curadoria: Fátima Lambert. Quase Galeria. Porto
- Cinco Séculos de Desenho na Coleção da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto – núcleo de Desenhos séculos XX e XXI.** Museu Nacional de Soares dos Reis. Porto
- Afinidades** (a escolha do artista). Curadoria e Organização Fábio Carvalho. Caza Arte Contemporânea. Rio de Janeiro. Brasil
- Arte em Segredo.** Galeria dos Leões. UP. Porto
- 2011 Passante no Mundo - Paulo Reis e C^a.** Curadoria Fátima Lambert. Quase Galeria. Porto
- Momento (acção) 2 -** Conceção e Produção Rute Rosas. Reitoria da Universidade do Porto e Faculdade de Belas Artes da U. Porto
- 1 Século, 10 Lápis, 100 Desenhos.** VIARCO Express. Galeria Municipal Almeida Garret. Jardins do Palácio de Cristal. Porto (cat. Bilingue)
- Arte em Segredo.** Galeria dos Leões. UP. Porto
- 2010 Cidade de sonhos -** Natureza com arte. Curadoria Cuqui Piñeiro. Xardíns de Pazo de Castrelos . Vigo. Espanha
- Sobre ilhas e pontes.** Curadoria Marcelo Campos e Curadoria-adjunta Larissa Carvalho, Leidiane Carvalho, Mariana Gomes Paulse, Priscilla Duarte. Galeria Cândido Portinari. Rio de Janeiro. Brasil
- 1 Século, 10 Lápis, 100 Desenhos.** VIARCO Express. Torre Oliva. S. João da Madeira. Portugal
- Arte em Segredo.** Galeria dos Leões. UP. Porto

Coleções Institucionais – Públicas e Privadas

Universidade do Porto

Museu do Estuque. Portugal

Fundação P.L.M.J. Portugal

Fundação António Prates. Portugal

A.N.J.E. Portugal – Associação Nacional de Jovens Empresários.
Portugal

Museu de Arte Contemporânea de Vila Nova de Cerveira. Portugal

Comuni di Manciano. Itália

Câmara Municipal de Abrantes. Portugal

Câmara Municipal de Cinfães. Portugal

Câmara Municipal das Caldas da Rainha. Portugal

Prefeitura do Rio de Janeiro. Brasil.

Concello de Vigo. Espanha

Desde 1996, tem realizado Exposições Individuais, concebido, participado, colaborado e organizado, inúmeros Eventos, Exposições Coletivas e Workshops em diversos países.

É autora de diversos textos e artigos publicados em livros, catálogos, revistas e jornais. Tem realizado diversas palestras, seminários e comunicações em Museus, instituições de ensino artístico e em congressos nacionais e internacionais.

Organiza regularmente exposições, coordena projectos de investigação, realiza curadorias, workshops, aulas abertas, formações e residências artísticas.

As suas obras têm sido referidas em inúmeras publicações. Recebeu diversos prémios e a sua obra está representada em diversas instituições e coleções privadas em Portugal, Espanha, Itália, Inglaterra e Brasil.

Não privilegiando nenhum meio ou técnica, o seu trabalho resulta em concretizações plásticas ou expressões plásticas - ação, performance, instalação, objeto, intervenção, vídeo, texto, desenho, etc. - e que se centram em conceitos como: Autobiografia e/ou Autorrepresentação, relação Arte/Vida de discurso não-narrativo; Tempo; Espaço; Memória; Recordação; Entorno; Partilha.